



Áudionotícia-teatral Uma Nova Proposta para Transmitir a Informação¹

Leticia da Cunha BOMBO²
Karen Debértolis³
Universidade Norte do Paraná, Londrina, PR

RESUMO

Esse trabalho foi realizado partindo do princípio de que as notícias cotidianas estão cada vez mais banalizadas, por assim dizer. E, por isso, existe uma defasagem na eficácia da recepção da informação, pois para o receptor, os personagens da notícia são apenas estatísticas. Dessa forma, a inovação jornalística desse produto, está na maneira de transmitir os acontecimentos cotidianos: de forma teatral, utilizando o áudio como principal instrumento. A intenção é fazer com que os receptores das informações, comecem a pensar e a questionar aquela informação a qual estão sendo expostos, para então chegar a uma conclusão e formar uma opinião própria a respeito dos fatos. A peça *Júlia Z.*, produto final desse trabalho cumpre com esse objetivo, inovando a maneira com que a notícia é transmitida.

PALAVRAS-CHAVE: notícias cotidianas; teatro-jornal; áudioficção; áudionotícia-teatral; receptores.

TEXTO DO TRABALHO

Assistir telejornais; escutar notícias no rádio; ler o jornal de hoje; ficar sabendo dos últimos acontecimentos do outro lado do mundo. Atualmente e principalmente depois da decisão do Supremo Tribunal Federal, sancionando a lei que não exige mais o diploma de jornalista, a informação é rápida e superficial. Os veículos de informação se preocupam com a competição do mercado e disputam para veicular primeiro a notícia. Nessa corrida para ver quem chega na frente, eles se esquecem de que mais que ficar simplesmente informado, o receptor deve ficar bem informado.

Atente para o fato de que quantidade não é sinônimo de qualidade, ou seja, para ficar bem informado, o ouvinte/leitor/telespectador deve ter a oportunidade de entender e, muito importante hoje em dia, refletir a informação que lhe foi dada. É comum famílias sentarem à mesa na hora da refeição e assistirem ao noticiário. O problema é quando as matérias transmitidas mostram violência como assassinatos, chacinas, mortes de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista recém graduada pela UNOPAR - Londrina, email: leticia.bombo@gmail.com

³ Karen Debértolis. Professora do Curso de Jornalismo da UNOPAR - Londrina, email: kdebertolis@gmail.com



adolescentes e crianças, e as famílias simplesmente continuam comendo, como se aquela realidade não fizesse parte do mundo em que vivem.

Por mais que a classe social desta família não seja a mesma do personagem da notícia, a realidade em que o mundo está inserido é a mesma. Basicamente, porque os seres-humanos são constituídos e funcionam igualmente aqui e em qualquer outro lugar do planeta. Sendo assim, viver na mesma cidade onde aconteceu o fato noticiado não é estar no mesmo contexto social? Só porque um acidente aconteceu na zona norte e o receptor mora na zona sul, não quer dizer que ele esteja completamente isento do acidente.

Enquanto formador de opinião, o papel do jornalista dentro de uma sociedade é pensar, refletir e questionar. Fazer com que as pessoas que consomem as notícias possam saber do acontecimento, mas acima de tudo, possam pensar e pesar por conta própria o que, dentro do contexto da notícia, é importante e o que pode ser relevado. A problemática é que as informações são tantas, a ânsia de despejar quantidades imensas de informação é tanta, que os profissionais acabam esquecendo dessa importantíssima função jornalística e, por vezes, acabam dando mais valor a uma notícia que vende mais do que aquela que à primeira vista não é tão importante.

Dessa forma, pensando numa maneira de fazer a diferença dentro do contexto de falta de qualidade jornalística, é que este trabalho se propõe a produzir um jornalismo teatral. Ou seja, a partir da realidade desses acontecimentos e informações, montar uma peça radiofônica, em que é possível trabalhar o som, o silêncio, o barulho, enfim, todo e qualquer estímulo sonoro, com a intenção de transmitir a realidade social para pessoas que estão acostumadas a receber a notícia com certa indiferença.

Para tanto, a áudionotícia-teatral apóia-se nas discussões teóricas do livro ‘Teatro e Comunicação’ de Linda Bulik e do teatro-jornal de Augusto Boal, que utiliza da interpretação teatral para transmitir, de maneira crítica, os acontecimentos cotidianos. A intenção é fazer o ouvinte pensar que a notícia pode ser entendida de outras maneiras, outros pontos de vista. É importante destacar que incitar o ouvinte a perceber e a pensar as notícias de outros ângulos, deve-se ao fato de que muitas vezes, as informações são transmitidas de forma a não fazê-lo pensar para realmente processar a informação. A televisão, por exemplo, é um meio de comunicação que ‘entrega’ o produto pronto para o telespectador consumir sem pensar muito. Afinal, as imagens das informações provam como as coisas aconteceram, sem fazer o receptor imaginar o que significa cada barulho e/ou expressão sonora, como no rádio.



Por outro lado, fazer o receptor imaginar a notícia, necessariamente, não fará com que ele saiba a verdade de como aconteceu o fato. Mas, mexer com a imaginação do ouvinte e causar dúvidas e questionamentos é uma das metas dessa proposta de comunicação. Se o ouvinte ficar confuso, mas sentir-se interessado pela notícia, pode procurar saber sobre o assunto de outras formas. Então, o objetivo será alcançado, pois além de tê-lo atingido enquanto assunto, a áudionotícia-teatral conseguirá fazer com que essa pessoa procure outras fontes e fique cada vez mais bem informado, não apenas informado.

Inovar é sempre importante em qualquer área. No jornalismo não seria diferente. Se os jornalistas – profissionais que têm o dever de manter a sociedade bem informada com base em evidências e fatos - se acomodarem, no sentido de só fazer seu trabalho apenas da maneira como estão acostumados, não só a informação, mas a visão crítica social e, porque não dizer, a criatividade na maneira de passar o conhecimento pode ficar defasada. Por isso, acredita-se que o presente trabalho, tem como objetivo fazer o público e também o próprio jornalista pensar a notícia diária. Levando-os a contrapor as informações que recebem, para poder chegar numa resposta às suas perguntas e, mais ainda, para que ambos, receptores e transmissores, considerando as devidas responsabilidades, não se calem diante do que os incomoda.

A busca pelo desconhecido vem norteando o ser humano desde quando este descobriu que viver em comunidade significa trocar experiências e ajudar ao próximo. Para isso, fingir ser outra pessoa, brincar, se comunicar de outras formas, disfarçar, conhecer e reconhecer-se, seja no ritual religioso ou profano, da magia até a primeira imitação da natureza, tais ritos ganharam vida e tamanho próprios. Foi a partir daí que o teatro passou a ter um papel importante, inclusive para transmitir fatos e acontecimentos para outros lugares. Como afirma Fernando Peixoto¹, no livro *O que é teatro?*, “[o espetáculo] definiu seu campo de ação, respondeu às exigências dos homens, até enquanto veículo de informação.”

Desde caráter ritualista nas sociedades primitivas, passando por educacional para ensinar as lendas relacionadas a deuses e heróis, até chegar nas tragédias e comédias representadas em festivais da Grécia antiga para honrar Dionísio, o deus do vinho, o teatro foi crescendo e se adequando a cada época. Hoje, pode-se dizer que não existe um teatro, e sim vários dele.

¹ PEIXOTO Fernando, 2001 p. 15



Uma das diferentes tendências dramaturgias permite o artista trabalhar em diversas condições, vivenciando realidades sociais contraditórias, que trazem questionamentos, fazendo-os criar certo posicionamento crítico. Essa experiência possibilita para o artista e para o público uma maneira diferente de ver a sociedade em relação a certos conceitos e conceitos pré-estabelecidos. São essas pessoas que formam o complexo e múltiplo produto cultural da nossa época.

A experiência artística e teatral acumulada de outras épocas, chega aos tempos atuais para dar uma nova forma para a cultura de uma sociedade que apesar dos resquícios do passado, tem outra maneira de pensar e, portanto, precisa de inovações. Vale lembrar que a sociedade atual é dividida em classes, onde as idéias dominantes são as das classes que dominam, ou seja, a mesma burguesia de tempos atrás, mas com um nome diferente – classe média alta. É por conta desse público que se diz grande desde o século XIX, que a criação artística vive numa batalha de libertação, lutando diariamente pela construção de uma nova realidade, pois hoje já não existe apenas um público, mas sim vários públicos que desejam pensar seu papel social e vê-lo refletido nas criações artísticas atuais.

Essa mesma relação artista/público existe entre jornalista/receptor. A classe mais forte está na mídia a maior parte do tempo. Seja por roubo, homicídio, ou algum sonho realizado, a atual burguesia tem lugar garantido nos veículos de informação. Mas, o fato é que muitos outros relógios são roubados, diversos homicídios causados e tantos outros sonhos realizados diariamente, e os únicos programas que mostram essa realidade são os sensacionalistas. Está claro que esta ação não justifica tal reação e que o jornalismo sensacionalista precisa ser substituído por algo que chame a atenção de maneira educada e criativa. É quando entra em cena o teatro que, como a notícia, existe enquanto durar o espetáculo.

Portanto, o teatro e a notícia são artes autodestrutivas, já que constroem-se a partir de um acontecimento – qualquer que seja, pois para despertar a vontade de questionar e contar para muita gente esses questionamentos, basta um simples estímulo, uma ação, às vezes, cotidiana que de repente faz nascer um interesse, um questionamento sobre o homem e sua cultura – e destroem-se enquanto matéria quando acaba o espetáculo.

Isso significa dizer que a arte está intrínseca aos pensamentos, emoções e realizações pessoais de cada pessoa que assistiu à peça e, que a partir desse momento, poderão refletir na sociedade aquilo que vivenciaram na arte. Como afirma o dramaturgo Bertold Brecht², “a realidade do teatro é sua teatralidade”. Ou seja, a realidade teatral é o meio



através do qual, é possível chegar à realidade social para transformá-la em ficção – o espetáculo. Esse espetáculo se transformará na realidade do público e dos atores enquanto estiver sendo apresentado e, devido essa transformação momentânea, pode-se pensar em uma solução para os problemas sociais. Por mais fictícia e, às vezes, ilusória que possa ser essa solução foi a maneira encontrada para refletir a realidade social e, porque não, tentar aplicar aquela realidade passageira, na realidade cotidiana social.

Sobre o tema, o crítico francês Bernard Dort³ comenta, “(...) hoje, se queremos fornecer reproduções realistas da vida social, é indispensável restabelecer o teatro em sua realidade de teatro.”

Por isso, para produzir uma peça teatral, que questiona e reflete sobre a sociedade atual, deve-se pensar em como trazer à tona essa realidade e, mais que isso, pensar em como transmiti-la, já que atualmente os espectadores da peça têm o papel de dialogar com os atores, sem ficar apenas assistindo, como afirma Wekwerth, “atores e espectadores se enfrentam, no espetáculo, como dois grupos de produtores, enfrentando-se mutuamente, criticando-se e revelando-se mutuamente necessários.”

Foi exatamente com a finalidade de transmitir a notícia de forma inovadora, fazendo o receptor consumir um material ao qual não estava acostumado, tirando-o da rotina de receber a notícia sempre da mesma forma, que Augusto Boal⁶ desenvolveu a técnica do teatro-jornal.

O teatro-jornal é a realidade do jornalismo porque apresenta a notícia diretamente ao espectador, sem o condicionamento da diagramação. Algumas de suas técnicas [teatro-jornal], como o improviso são a realidade mesma: aqui não se trata de representar uma cena, mas de vivê-la de cada vez.

Dessa forma, é possível traçar outro paralelo com o jornalismo. Ora, o que seria do jornalista sem as pessoas da sociedade para fazer algo que vire notícia? O jornalista também precisa dialogar com seu público, bem como vice-versa. Afinal, quem consome as informações são os próprios agentes das informações – o público. E, para complementar o caráter informativo, pode-se dizer que mais que transmitir uma mensagem, a montagem teatral pode instigar um sentimento para o espectador. Seja

² BERTOLD Brecht *apud* PEIXOTO, 2001

³ DORT Bernard *apud* PEIXOTO, 2001

⁴ WEKWERTH *apud* PEIXOTO, 2001

⁵ BULIK Linda, 2001, p. 25

⁶ BOAL Augusto, 1984, p. 43



uma sensação, uma emoção, uma idéia boa ou ruim, mas que vai além daquela que se convém chamar de estrutura comunicacional. Para a jornalista Linda Bulik⁵, o teatro pode construir e conservar um significado cultural, “o que se busca é a construção e a conservação de um significado cultural, a comunicação torna-se então um processo simbólico pelo qual a realidade é produzida”.

Conforme a jornalista, nem tudo o que se vê no palco depende de um único código. Outros fatores integram a produção teatral. Pensar nessa estrutura comunicativa ligada unicamente à palavra, por exemplo, é empobrecê-la, sem considerar a real riqueza da comunicação teatral. Interpretar o que significa a informação que a peça quis passar pode ser apenas um dos aspectos dessa comunicação, que é recheada de outros símbolos, capazes de fazer o espectador agir.

A partir do momento em que existem atores para contar uma história, público para ouvir essa história e ambas as partes estão focadas em um centro: o teatro - tanto o local onde se monta uma peça, quanto a palavra em sua simbologia - a construção do significado cultural, que teve como princípio a transmissão da informação, está realizada. Então, pode-se dizer que o teatro, não é apenas comunicação no sentido literal da palavra, uma vez que desperta emoções e sensações. Mas tem o objetivo de comunicar, como a mídia. Assim como no teatro, no jornalismo não se pode pensar na comunicação ligada exclusivamente na informação de uma única fonte. É preciso que o jornalista e o receptor tenham acesso a todos os lados da notícia e, mais que isso, a notícia de qualquer veículo de informação, seja a televisão, o jornal, a revista, a internet ou o rádio, a transmissão pode estar diretamente ligada ao lugar onde acontece a notícia e ao local onde a informação é trabalhada para ser transmitida. Dessa forma, a conexão entre o acontecimento, o local e a redação definem a maneira como o jornalista pode transmitir a notícia e atingir ou não seu público.

O Trabalho de áudionotícia-teatral, na prática

A parte prática desse trabalho sustenta-se pela metodologia de pesquisa-ação sugerida por Michel Thiollent⁶, que se baseia na pesquisa social, comprovando-se que esta é idealizada e realizada em conjunto com a prática do trabalho sugerido ou com a solução do problema coletivo. É importante destacar que os participantes significativos da situação ou do problema, estão envolvidos de maneira cooperativa e participativa.

⁶ THIOLENT Michael, 2000



À metodologia de pesquisa-ação podem se enquadrar diversas formas de pesquisa nos vários campos de atuação social

Os valores vigentes em cada sociedade e em cada setor de atuação alteram sensivelmente o teor das propostas de pesquisa-ação. Assim, existe uma grande diversidade entre as propostas de caráter militante, as propostas informativas e conscientizadoras das áreas educacional e de comunicação e, finalmente, as propostas “eficientizantes” das áreas organizacional e tecnológica. (THIOLLENT, 2000, p.14).

Dessa forma, tendo como base a pesquisa-ação em comunicação, que abrange inúmeros aspectos da área, como meios de comunicação de massa (mcm), efeitos sobre o público, recepção crítica, imprensa, jornalismo, opinião pública, cinema, artes, entre outras e à luz de variados enfoques, como econômico, jurídico, sociológico, tecnológico etc. O presente trabalho será voltado para a recepção crítica da comunicação e, conseqüentemente, pesquisa de opinião, dando enfoque para a arte, para comprovar ou não uma determinada maneira de o público ser um receptor crítico.

Ainda nessa linha metodológica, a linguagem e as palavras a serem captadas pelo receptor, muitas vezes, podem vir recheadas de pré-conceitos e, por isso, podem tornar-se ponto de partida para mais uma experiência comunicativa e artística. Por isso, de acordo com Thiollent, “desenvolvem-se várias tentativas de comunicação diferentes, para as quais são necessárias novas abordagens metodológicas”.

No contexto da comunicação, a pesquisa-ação é utilizada principalmente, no processo comunicacional alternativo, popular, ligado às diferentes práticas culturais ou militantes, além de ser um possível meio de crítica aos mcm. De acordo com Thiollent (*op. cit.*), como em algumas situações os pesquisadores ou produtores de material alternativo não podem elaborar sozinhos uma perspectiva de ação ou de transformação, eles devem adotar uma “postura de ‘testemunha’, contribuindo para o debate através da geração de documentos significativos”.

Thiollent (*op. cit.*), afirma, ainda, que a produção de materiais audiovisuais, não é em si própria, uma vertente da pesquisa-ação. Apesar disso, o autor diz ser importante enquanto objetivo de pesquisa no quadro de atividades comunicativas.

Os documentos produzidos pelos pesquisadores e outros profissionais da comunicação, quando concebidos em função dessa postura, podem se revelar muito importantes para futuras ações e discussões públicas (...) Como conteúdo de tais documentos, deve-se salientar a importância de depoimentos populares. (THIOLLENT, 2000, p.80).



O presente trabalho se enquadra exatamente na produção artística audiofônica, destinada a comunicar a partir de uma peça radiofônica, baseada em notícias diárias, extraídas dos jornais. Sejam manchetes ou apenas notas, o objetivo do trabalho, é fazer com que a comunidade com a qual o produtor-ator decidir trabalhar, possa refletir as informações lidas e, a partir delas, enxergar possibilidades de transmiti-las por meio de uma audioficção. Assim o público também será instigado a pensar as notícias de uma forma mais reflexiva, sem simplesmente aceitar o que leu no jornal, apenas por estar escrito.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma série de encontros com pessoas que trabalham com a Rádio Arte foi necessária. A professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Londrina, Heloísa Bauab, foi um contato essencial para o amadurecimento da idéia do trabalho, bem como os encontros com profissionais consagrados desse gênero artístico, durante o evento *Escuta! rádioforum em busca de um rádio inventivo*, que aconteceu em setembro de 2008. Nesse evento, um contato importante foi com Harri Hütamaki, diretor finlandês de rádio arte que esteve ministrando uma oficina durante o evento. Além de grupos de teatro como o grupo Oficina de Teatro do Oprimido, que emprestou conhecimento e atores para produção da peça radiofônica *Julia Z*.

É importante destacar, que a peça *Júlia Z* é originalmente do OTO. E, em conjunto com os atores do mesmo grupo, passou por uma adaptação para ser dramatizada no rádio e para seguir a linha de pesquisa desse trabalho, que vai de encontro à linha de pesquisa do grupo de Teatro do Oprimido.

E o grupo Criando Liberdade, que participou da pesquisa de pós-produção da peça e discutiu alguns pontos técnicos e teóricos, contribuindo para o processo de conclusão do trabalho.

Segue abaixo exemplo das perguntas feitas nos questionários

Tabela 01: Questionário sobre a áudionotícia, aplicado no grupo *Criando a Liberdade*

Questionário sobre a áudionotícia-teatral
1. Você sentiu alguma coisa quando ouviu a notícia?
2. O que você sentiu?



3. Você sabe dizer qual a informação que a áudioficção quer passar?
4. Na sua opinião, entre a notícia do áudio e a do jornal, qual é a mais impactante? Por quê?

Tabela 02: Questionário sobre a nota do jornal, aplicado no grupo *Criando a Liberdade*

Questionário sobre a nota no jornal
1. Você sentiu alguma coisa quando leu a notícia?
2. O que você sentiu?
3. Você sabe dizer qual a informação que a nota quer passar?

O resultado do trabalho em conjunto com o grupo OTO foi um material criativo e diferente, que – de acordo com os questionários respondidos pelo *Criando Liberdade*, cumpre com o objetivo da teoria desse trabalho, que é aproximar o receptor da notícia, do mundo em que vivem as pessoas que não estão na grande mídia e, por isso, não ganham destaque nacional.

Após a apresentação da peça radiofônica (anexo 1), o debate girou em torno do tema da notícia: o assassinato de um adolescente, que não se sabia exatamente o motivo da morte do rapaz de 16 anos. E, ainda no debate, fazendo um paralelo com a áudionotícia, o descaso do policial em relação ao garoto. Por trás das câmeras, o tenente falou que não valia a pena perder tempo com as investigações, pois se tratava de um “moleque preto, pobre, morador da zona norte (*sic*)” e “que com certeza era acerto de conta”. No entanto, na frente das câmeras, disse que a policia estaria ‘muito preocupada’ e ‘investigando o caso’, quando na verdade não estavam.

Junto a esses pontos, ainda foram questionados pelo grupo, o papel da imprensa, que sabia da verdadeira posição do tenente em relação à vítima e, ainda assim, divulgou uma informação que não era a realidade. Além de ter colocado em xeque outros pontos da vida do rapaz, como família, educação, que como os integrantes do grupo *Criando Liberdade* disseram, contam muito “quando é preciso escolher um caminho a ser tomado na vida”.

Levando em consideração os questionários respondidos, foi possível perceber que a nova proposta de comunicação, sugerida nesse trabalho ajuda a aproximar o ouvinte da realidade daquela notícia. Por isso, faz com que ele passe a pensar e a enxergar a notícia



diária com outros olhos. Especificamente quando comparado com a nota do jornal, sobre a qual a maioria dos participantes afirmou ser incompleta e distante da realidade, sendo apenas uma estatística.

O fato do personagem da notícia ter deixado de ser mera estatística e ter se transformado em humano - como eles mesmos escrevem – foi praticamente unânime. Além de humanizar o personagem, foi dito, ainda, que a áudionotícia vem para acrescentar informações indispensáveis para o melhor entendimento da notícia e uma maior reflexão sobre os fatos transmitidos nos jornais.

Em relação à qualidade técnica do trabalho, algumas críticas foram feitas, como problemas com a dicção dos atores, que por ser essa uma proposta sonora, deve estar muito clara para o ouvinte. O grupo, em geral, sentiu falta de silêncio. Na opinião deles, tinha muito barulho o tempo inteiro, o que, muitas vezes, faz com que as falas fiquem em segundo plano. E, por se tratar de mais de um caso, um pouco confuso.

Tomando como ponto de partida essas opiniões, a edição foi revisada em relação a partes técnicas, como a inserção de silêncio na áudionotícia, pois de acordo com o grupo, o silêncio era fundamental para que as pessoas pudessem entender melhor a proposta de cada cena. Volumes de vozes foram aumentados, já que esse instrumento é essencial numa áudioficção.

Além disso, o grupo ainda deu idéias do que poderia ser inserções com a intenção de realmente incomodar o ouvinte, como um som muito alto, ou muito baixo, a ponto de fazê-lo ficar curioso e prestar melhor atenção. Assim, algumas dicas que o grupo *Criando Liberdade* deu, foram acatadas no intuito de fazer um trabalho que possa estar em constante mudança, contanto que seja para melhor.

Conclusão

Levando em consideração as devidas relevâncias citadas neste trabalho, e, por consequência, a influência no resultado de todo o processo que cada etapa teve, pode-se entender que este só se consolidou pelo fato de que as áreas envolvidas se complementaram, somando teoria e prática.

Por ser essa proposta uma inovação na área de comunicação, quando o assunto é transmissão da notícia, era necessária a colaboração de pessoas de diversas áreas, justamente para comprovar se essa forma de comunicar funciona ou não. Portanto, pode-se concluir que a participação de cada grupo/pessoa, foi essencial para que o trabalho se sustentasse. Durante o fechamento da pesquisa, a participação de pessoas



que trabalham diariamente tanto com o jornalismo quanto com o teatro, foi valiosa para a credibilidade da conclusão do trabalho.

Depois do que já foi dito, pode-se concluir que a comunicação na forma de uma áudionotícia-teatral se sustenta pelo fato de esta ser inovadora e de atingir o receptor de maneira que o faça entender a notícia de outra forma e refletir sobre o que pode ter levado aos acontecimentos daquele fato.

Além disso, a partir do momento que a informação traz o ouvinte para a realidade daqueles acontecimentos, fazendo-o entender que aquele fato tirou a vida de alguém ou fez pessoas sofrerem e que isso é de verdade e não ficção, ele também pode pensar sobre a maneira como está guiando a própria vida. Podendo, dessa forma, identificar-se com o caso que saiu no jornal.

Seja qual for a maneira como os receptores encarem a áudionotícia, inclusive para criticá-la, ainda assim, ela já serviu para fazê-los refletir ou discutir, sobre tal inovação. Essa discussão, já se mostra proveitosa em relação ao objetivo do trabalho, que é pôr em xeque – até mesmo o próprio trabalho - contanto que as pessoas entendam que é preciso pensar por si mesmas as informações que recebem.

Essa é a intenção de envolver o ouvinte. Fazê-lo primeiramente escutar, depois discutir a notícia que lhe é mostrada todos os dias. Com o avanço da tecnologia e do jornalismo online, o jornalismo impresso está fadado a análises e aprofundamentos dos fatos ocorridos durante a semana, característica que muda a superficialidade com a qual as notícias são transmitidas. Por isso, nada impede de o jornalismo radiofônico também transformar-se em algo novo, criativo, que realmente chame a atenção do receptor, tão acostumado à poluição visual cotidiana e desacostumado com a imaginação dos fatos e das cenas transmitidas na peça de áudionotícia.

Por isso, mais que pensar e refletir a notícia, o presente trabalho almejou, essencialmente incitar a reflexão, os questionamentos, o ‘não aceitar assim simplesmente porque disseram que tem que ser assim’. A idéia de questionar o dia-a-dia da profissão é justamente para mostrar um novo jeito de fazer jornalismo, que possa vir ao encontro do real objetivo dessa profissão, que é informar e formar opinião. Atente para o fato de que formar opinião não significa impor conceitos. Mas significa incitar a reflexão sobre cada caso, inclusive deixando o receptor com vontade de pesquisar em outras fontes para, então, poder formar sua própria opinião.



REFERÊNCIAS

BARBEIRO, H.; RODOLFO, P. L. **Manual de rádiojornalismo: produção, ética e internet**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2003

BAUAB, Heloísa. **Audioficções&ritmos: engenharias do verbo e do som**. Artigo. São Paulo: Revista USP, 1990

BAUAB, Heloísa em entrevista concedida para Leticia Bombo em agosto de 2008

BOAL, Augusto. **Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular: uma revolução copérnica ao contrário**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1984

BULIK, Linda. **Comunicação e Teatro: por uma semiótica do Odin Teatret**. São Paulo: Ed. Arte & Ciência, 2001

FERRARRETO, Luiz A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Ed. SagraLuzzatto, 2001

HUTAMÄKI, Harri em entrevista concedida concedida para Leticia Bombo em setembro de 2008

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro?**. São Paulo: Ed. Arte & Ciência, 2001

SALES, Roberto em entrevista concedida para Leticia Bombo em agosto de 2008

SPERBER, George B. **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: Ed. E.P.U, 1980

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Ed. Cortez autores associados, 2000

TEATRO de Arena. In: Os 50 anos do Teatro de Arena. Disponível em <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1108> >. Acesso em: 25 set. 2008.

CÓDIGO de Ética do Jornalista. In: Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em http://fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf >. Acesso em: 10 out. 2008.



PROGRAMAÇÃO da Rádio BBC online. In: BBC Rádio. Disponível em
<<http://www.bbc.co.uk/radio/>>. Acesso em: 28 out. 2008

ANEXOS

ANEXO A – Estatística dos questionários respondidos

ANEXO B – As notícias nas quais o grupo se baseou para fazer a peça *Júlia Z.*



Questionário Áudioficção

1. De 07 pessoas, todas puderam sentir alguma coisa quando escutaram a notícia.
2. 01 pessoa sentiu que a áudioficção busca adicionar informação e emoção à notícia que geralmente é fria; 02 pessoas sentiram que realidade e ficção se misturaram e, dessa forma, a notícia pôde envolver o receptor; 01 pessoa sentiu-se incomodada e impotente frente ao tema, mas também conforto pelo tratamento da realidade das personagens, o que as torna humanas e próximas da realidade do receptor; 02 pessoas identificaram-se com o tema e com as personagens; 01 pessoa sentiu como se a notícia acontecesse ‘ao vivo’, o que a deixou com sentimento de vergonha, terror e inconformidade.
3. 07 pessoas disseram que sim.
4. 07 pessoas disseram que a áudioficção é a forma mais impactante de passar a notícia, porque aproxima os personagens da notícia da realidade do receptor.

Questionário Jornal Impresso

Obs. 01 pessoa não responde esse questionário

1. 06 pessoas disseram que sim.
2. 01 pessoa sentiu que os jovens estão à deriva, sem orientação familiar; 02 pessoas sentiram como se já tivessem visto aquela notícia; 01 pessoa sentiu que os jornais criaram moldes para transmitir a informação, sem aprofundar o tema da notícia; 01 pessoa ficou curiosa; 01 pessoa sentiu-se inconformada e impotente com a informação, que é vaga e vazia.
3. 06 pessoas disseram que sim.

Dois jovens são assassinados em Sertãoópolis

Fernanda Borges
Repórter Local

Rolândia - Dois jovens moradores de Rolândia foram encontrados mortos, com diversas perfurações pelo corpo, nas margens da PR-090, no município de Sertãoópolis (40 km ao norte de Londrina). Os corpos foram localizados na tarde de quarta-feira, por soldados da Polícia Militar, depois de uma denúncia anônima feita por telefone à corporação.

De acordo com a PM, os corpos foram encontrados após 40 minutos de busca, dentro da mata. O corpo de Alexandre Xavier Tiradentes, 24 anos, estava próximo ao quilômetro 393, com duas perfurações. Ao lado da vítima foi encontrado um estojo de munição para pistola 380. Cerca de 40 metros adiante, a polícia localizou o corpo de Fábio Pagano Casimiro, 23 anos, que foi executado com seis disparos – no abdome, tórax e braços. Seis cartuchos do mesmo tipo de arma foram encontrados próximo ao corpo.

A polícia, um familiar de Alexandre disse que os dois teriam sido vistos pela última vez num veículo Ford Ka, de cor preta. O carro não foi encontrado. Os jovens não tinham passagens pela polícia e seus corpos foram levados para o Instituto Médico Legal (IML) de Londrina.

De acordo com a Polícia Civil de Sertãoópolis, município de 16 mil habitantes, só este ano já foram registrados seis homicídios. Quatro aconteceram somente no último fim de semana.

Livre, leve e solta

Hoje em dia, ser jovem e bonita é a prioridade da maioria das meninas. Depois da beleza vem os meninos! Elas só pensam no visual, na popularidade e quando será a primeira experiência sexual. Acham que isto é ser livre. As escolas e as novelas praticamente patrocinam esse tipo de comportamento. Os pais estão perdendo o controle de suas filhas e não entendem o que se passa com elas. Muitas chegam da escola e vão direto para o quarto, e os pais ficam sem saber como ajudá-las. Se a mãe tenta bater um papinho com a filha, a menina faz logo uma cara de tédio e diz: "Pega leve, mãe!" A pobre mãe se sente uma inútil.

Eu já fui jovem, aliás, ainda me considero jovem, mas me lembro dos pensamentos que tinha naquela época. As meninas são pressionadas a ter um determinado comportamento na escola, entre os amigos e até em casa – só pensam no aqui e agora. Já os rapazes, embora também penssem assim, são pressionados a se preocupar com o futuro.

Lembro-me que quando era adolescente, era muito chegada à minha mãe e isto era motivo de crítica e incompreensão por parte das meninas da escola. Eu nem ligava, pois não tinha motivo algum para ignorar ou desprezar a minha mãe. Ao contrário! Na verdade, foi graças a ela que superei os conflitos da adolescência. Mas ficava chocada com a maneira com que minhas colegas se referiam aos pais. Era óbvio que elas não tinham o menor respeito por eles, pois diziam que os odiavam e que desejavam ter outros pais. Também sentia bojo ao vê-las se beijando e tinham um desejo constante de sair de casa a fim de se sentirem soltas.

Não faz o menor sentido este tipo de comportamento, controlado, e eu a minha mãe, quando eu era adolescente. Isto mostra o quanto elas não têm ideia de como se relacionar com os pais. E isso não acontece com as meninas da minha geração, pois o comportamento delas é diferente. Elas não têm medo de falar com os pais, elas sabem que os pais são os pais e elas sabem que os pais são os pais. Elas sabem que os pais são os pais e elas sabem que os pais são os pais.

OS PAIS ESTÃO PERDENDO O CONTROLE DE SUAS FILHAS E NÃO ENTENDEM O QUE SE PASSA COM ELAS.

NO PARANÁ

Autores: GCSHA



"Se tenho um familiar drogado e o vejo como tal, eu o vejo como drogado. Não vejo a pessoa, apenas loco o problema. É aí que está o erro: sem capacidade de ouvir, de tentar compreender e ver o que o outro está sentindo, vou apenas criticar e julgar. É mais difícil se

Homicídio em Londrina

Londrina - Um adolescente de apenas 14 anos foi encontrado morto com diversos ferimentos de arma de fogo, na Zona Norte de Londrina. A execução aconteceu por volta das 21 horas de quarta-feira, na Rua Juracy Huga Cabral Messias, no Jardim Alphaville. Segundo informações da Polícia Militar (PM), Luis Gustavo de Souza Oliveira era usuário de drogas e já tinha passagens pela polícia. A polícia não